

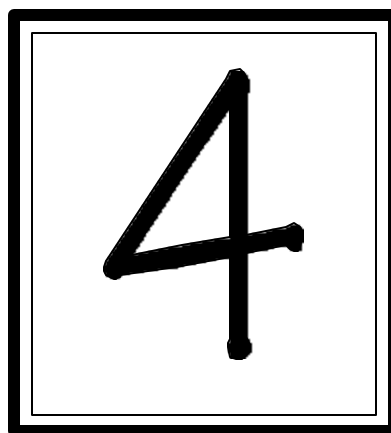
Prof. Teodorico Castelo

A **LIGA ESPÍRITA DO BRASIL** tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosa, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-vos como sócio daquela instituição

CADERNO DOUTRINÁRIO

EXPOSIÇÕES DIDÁTICAS



Divulgação do Espiritismo

ORGANIZADO E DISTRIBUÍDO
PELO
CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “
RIO DE JANEIRO
BRASIL

ALLAN KARDEC

Leon Hipolite Denizart Rivail (Allan Kardec) nasceu em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804 e desencarnou em Paris, no dia 31 de março de 1869. Seu túmulo, no cemitério de Père Lachaise, em Paris, é visitado anualmente pelos espíritas. Casou-se com a professora Amélie Gabriele Boudet, mais velha do que ele, no ano de 1832. Sua esposa desencarnou mais tarde. Allan Kardec passou a adotar este pseudônimo (antigo sacerdote druida) após haver iniciado os seus estudos de Espiritismo. Toda a sua vida foi consagrada ao estudo e a educação. Foi ele o criador da palavra **ESPIRITISMO** e foi a ele, indiscutivelmente, que coube a glória de codificar a doutrina espírita. De 1854 em diante, já sob o pseudônimo de Allan Kardec, entregou-se inteiramente ao estudo da filosofia espírita, tendo deixado, além da **REVUE SPIRITE** (1º de janeiro de 1858) as obras que constituem o corpo da doutrina. Fundou, a 1º de abril 1858, a **SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS**, cujo estatuto, ainda hoje, deve servir de modelo para qualquer sociedade espírita bem orientada. Pertenceu à Academia de Arras e publicou diversas obras didáticas. Tendo sido aluno de Pestalozzi, e dos mais distintos, na Suíça, introduziu em França os métodos daquele grande educador. Em 18 de abril de 1857 publicou **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, a 1ª obra básica da doutrina espírita. Seguiram-se, até 1868, as outras obras. Seus discípulos publicaram, em **Obras Póstumas**, os manuscritos por ele deixado, e nos quais discutiu muitos problemas concernentes a organização do Espiritismo para o futuro. Toda a filosofia espírita está sintetizada neste princípio de Kardec:



NASCER, MORRER, RENASCER, PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI.

Conceito fundamenta de Allan Kardec:

“CONHECE-SE O VERDADEIRO ESPÍRITA PELA SUA TRANSFORMAÇÃO MORAL”

INTRODUÇÃO

Com a publicação do presente Caderno, que já é o 4º, conseguimos por em dia uma das tarefas do Centro Espírita “18 de ABRIL”, isto é, a divulgação de seus estudos doutrinários através de folhetos, nos quais se condensam, tanto quanto possível, as exposições feitas semanalmente, em forma didática. Diversos motivos, inclusive ocupações pessoais do coordenador deste trabalho, concorreram para que se atrasasse muito a publicação do 4º Caderno. Tudo fez, entretanto, e continuará a fazer a Diretoria do Centro para que, com a cooperação de confrades e amigos, cooperação que, aliás, nunca nos faltou, os nossos não deixem de ser publicados, ainda que haja atraso. Esperamos, todavia regularizar a publicação, daqui por diante, ou pelo menos evitar que seja muito longo o intervalo da saída de um Caderno, para outro. Como sempre, os nossos Cadernos doutrinários são distribuídos gratuitamente.

Cumpre-nos esclarecer que, além dos estudos regulares, previstos nos programas anuais, houve diversas palestras especiais, a propósito de comemorações do aniversário do Livro dos Espíritos (18 de abril) e do aniversário de Allan Kardec (3 de outubro), de acordo com o estatuto, e ainda outras palestras doutrinárias de caráter extraordinário, como complemento do programa geral. Colaboraram conosco, através de proveitosas palestras, em diversas oportunidades, além de outros, os seguintes confrades aos quais confessamos muito agradecidos: Flávio de Sousa Pereira, João Scizínio de Araujo, Prof. Edson Abreu, Prof. Teodorico Castelo. Jornalista Enéas Dourado, Dr. Lauro Sales, Coronel Alfredo Molinaro. Dr. Américo Luz, Prof. Newton de Barros, Josué Gonçalves e Dr. J. A. Miranda Ludolf.

Apesar de suas deficiências, o nosso Caderno doutrinário demonstra pelo menos a boa vontade do Centro Espírita “18 de Abril” em fazer alguma coisa pela divulgação do Espiritismo, visto como este Centro se fundou para estudar e difundir a Codificação de Allan Kardec. Que esta publicação possa servir de roteiro para os que se iniciam no estudo da luminosa doutrina espírita é o que deseja, com maior sinceridade, a DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”

Rio de Janeiro, dezembro de 1956.

I PARTE

- I Didática e Doutrina – II Mentalidade espírita
III Conhecimento empírico e conhecimento metódico
IV Etapas do conhecimento - V Atualidade da Codificação de Allan
Kardec
VI Caráter da Doutrina Espírita - Conclusão

I – DIDÁTICA E DOCTRINA

Desde o momento em que se pensou em fundar o Centro Espírita “18 de ABRIL”, o assunto que constituiu a cogitação inicial de seus primeiros componentes foi o ensino da Doutrina Espírita em cursos regulares. Leia-se, por exemplo, uma das primeiras atas das reuniões preparatórias, quando ainda se discutiu o projeto de fundação do Centro, e lá está, expressamente, o propósito de dar sentido didático às atividades do Centro, de acordo com projeto elaborado por Allan Kardec, no ano de 1868. (*Obras Póstumas*, parte final). O Centro Espírita “18 de Abril”, neste particular, adotou orientação da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a primeira instituição que organizou, no Rio de Janeiro, *um curso* de Espiritismo, regularmente adaptado ao esquema de um currículo de três anos, em combinação com diversas matérias de cultura geral e especializada.

O Centro “18 de abril” inspirou-se, pois, no programa de Allan Kardec, o Codificador da doutrina. Sabe-se que Allan Kardec incluiu em seu *projeto* de organização do Espiritismo, para o futuro, um *curso regular* com os seguintes objetivos:

- a) – desenvolver os princípios da Ciência;
- b) – difundir o gosto pelos estudos sérios;
- c) – preparar adeptos capazes, etc..

Eis aí, em síntese, o pensamento de Kardec. Cabe, agora, fazer as necessárias aplicações ao ensino do Espiritismo, com método adequado, com didática própria. Não existe, na realidade, um sistema didático especialmente aplicado à doutrina espírita. Já existe cursos, e bem organizados, mas ainda não temos propriamente um trabalho sistematizado, em forma de compêndio ou manual capaz de prever o ensino do Espiritismo em cursos regulares, com as exigências da pedagogia moderna. Todos os trabalhos deste gênero são destinados aos cursos que os elaboram. Não temos, portanto, um trabalho aceito como padrão para todos os cursos de Espiritismo, principalmente em conjugação com algumas disciplinas científicas indispensáveis à compreensão de certos problemas, que o próprio Espiritismo suscita a cada passo, na prática e na teoria.

Não se pode *ensinar*, pelo menos ensinar bem, sem didática. Para ensinar, seja o que for, é necessário:

- a) – antes de tudo, ter conhecimento do assunto que vai ensinar;
- b) – ter vocação, porque ninguém gosta de executar uma atividade quando para ela não tem vocação;
- c) – ter didática, isto é, conhecer a “ arte de transmitir conhecimento” e saber aplicá-la, de acordo com os assuntos, com a capacidade de quem aprende com as circunstâncias.

A *didática* é como a *lógica*. Há muita gente que pensa bem, sabe **raciocinar** com lógica e no entanto nunca estudou esta matéria, nunca viu sequer um manual de *lógica* formal ou aplicada. É a chamada lógica inata ou *lógica* do bom senso... Toda

pessoa sensata raciocina com equilíbrio. Há indivíduos que são lógicos por natureza sem jamais terem feito um curso de lógica... Isto não quer dizer, porém, que não seja necessário o estudo regular de *lógica*, como ciência indispensável à vida prática e aos estudos de filosofia, de psicologia, etc. A todo momento, seja nas ciências experimentais, seja nas altas indagações do espírito, o homem está fazendo uso da lógica, desde que começa a pensar e a fazer deduções. “Não basta pensar, porque todos nós pensamos naturalmente, mas é necessário pensar com acerto” – diz o velho aforisma – para evitar os raciocínios incoerentes ou contraditórios. A lógica, portanto, é a ciência que ensina a disciplinar o pensamento para que se pense com acerto. Enquanto a *Psicologia* estuda o pensamento em si, como fato, a *lógica* estuda a forma de pensar, o uso do pensamento da solução dos problemas que dependem de raciocínio. A *lógica* está em tudo, portanto. Assim também a *didática*.

Há pessoas, inegavelmente, que têm muita cultura, são muito inteligentes, conhecem bem os assuntos a que se dedicam, mas não sabem **ENSINAR**, não tem jeito para transmitir aquilo que sabem. É verdade que a vocação para ensinar é inata no espírito, e tanto isto é certo que muitas pessoas como que “já nasceram para ensinar”, porque têm habilidade especial para expor e transmitir os assuntos e se fazerem entender facilmente. Outras pessoas, entretanto, são muito eloqüentes, têm muita erudição, mas não tem clareza: falam muito bem, empolgam, comovem, citam muitas obras, mas não esclarecem, não ensinam suficientemente aquilo que pretendem ensinar, porque não têm didática. Não basta conhecer suficientemente determinada matéria, pois é necessário, também, saber como ensiná-la, para tirar o maior proveito. Há programas de cursos nos quais se nota claramente a falta de orientação didática, porque nem sequer tais programas observam certas regras de metodologia. Não se deve começar ensinando pelo fim, antes das indispensáveis noções iniciais ou de embocadura, como também não se deve iniciar um curso com as particularidades, com os pontos sujeitos a controvérsias, desprezando a generalidade, o conjunto, as idéias básicas. Tais deficiências revelam a falta de didática.

Vem a propósito uma história bem curiosa. Conta-se que, de uma feita, um cientista fez uma conferência de quase duas horas sobre *esquizofrenia*, citou mais de duas dezenas de autores, apresentou gráficos ilustrativos, etc., talvez tivesse, até, esgotado o assunto, como se costuma dizer. Acontece, porém, que o cientista não se lembrou de que estava falando para leigos no assunto, e não, para especialistas. Pois bem, falou tanto, revelou tanta erudição, mas não disse o principal, não disse aquilo que deveria ter dito logo no começo, como introdução, isto é, o que vem a ser *esquizofrenia*, que é uma doença mental, com tais e tais sintomas, etc.. Usou muitos termos técnicos, como se estivesse entre especialistas na matéria, e no entanto deixou de dizer o que era inicialmente indispensável para os que não tem obrigação de ser entendidos no assunto. Terminada a erudição e exaustiva conferência, os assistentes ficaram perguntando entre si : afinal de contas, que é *esquizofrenia*?... Há pessoas que se perdem muito nos conceitos abstratos e complexos, mas prejudicam a parte principal de suas conferências ou aulas, porque não dizem o que é mais necessário. Quando se trata de um curso, seja de que natureza for, não se devem desprezar pelo menos algumas regras gerais de didática.

Não se pense que as lacunas em relação a deficiências didáticas ocorrem somente em cursos particulares. Não. Até mesmo no ensino superior, às vezes se encontram professores, que são verdadeiras sumidades em suas disciplinas, mas se

tornam deficientes, como expositores, ora porque são dispersivos, ora porque ficam muito acima da receptividade dos alunos ou porque não tem clareza, que é uma qualidade absolutamente indispensável a quem vai ensinar qualquer matéria. Ocasionalmente há – e este fato já se observou mais de uma vez em faculdades oficiais – em que um professor dá uma aula erudita, vibrante e cuidadosamente burilada, mas logo depois os próprios alunos fazem a crítica: como conferência brilhante, para demonstrar ilustração, está muito boa; como *aula*, entretanto, peca pela falta de clareza e objetividade, não tem proveito... Ensinar não é tão fácil, e a experiência que o diga.

Uma das necessidades pedagógicas mais importantes é, por exemplo, a *motivação* da aula, pois é necessário fixar o interesse em determinado ponto, dar vida ao assunto, provocar a participação dos ouvintes. As exposições secas e monótonas, principalmente quando são longas, embora a matéria seja interessante, criam o desinteresse e muitas vezes se transformam em verdadeiros suplício para os assistentes. Quem expõe um assunto, seja na condição de professor, seja na de simples comentador ou até mesmo de conferencista, deve ter, sobretudo, a preocupação de se fazer ENTENDER claramente, ainda que seja necessário repetir conceitos ou noções indispensáveis, como deve auscultar as reações dos alunos ou assistentes para saber se o assunto explanado está ou não está interessando e se está sendo BEM COMPREENDIDO. O estado psicológico da assistência deve ser observado pela argúcia e experiência de quem dá uma aula ou faz uma conferência. Tudo isto faz parte da orientação didática.

II – MENTALIDADE ESPÍRITA

O estudo metódico traz resultados mais satisfatórios do que o estudo irregular, feito a esmo, sem programa, sem ordem, sem objetivo. A didática também se aplica, portanto, ao ensino da Doutrina Espírita. E claro que, para se iniciar um curso de Espiritismo, não é possível começar pelas sessões práticas ou experimentais, estudando fenômenos e médiuns, porque é indispensável o preparo teórico, o conhecimento, pelo menos, das noções gerais da doutrina. Ninguém começa estudando a química pelas experiências de laboratório, sem haver, antes, estudado as leis, sem saber como utilizar certos instrumentos, etc.. Seria perigoso pôr um indivíduo, inteiramente despreparado, sem teoria de espécie alguma, dentro de um laboratório espiritual, e uma sessão mediúnica exige muito senso de responsabilidade, os problemas ainda são mais complexos. Como, pois, entrar no campo da prática espírita sem conhecimento da doutrina, sem orientação cuidadosa? Isto seria puro empirismo, e o Espiritismo é, todo ele, baseado em leis e princípios. A teoria deve ser ensinada antes da prática. Nossos estudos doutrinários têm, entretanto, outro objetivo, e este, para nós, é ainda mais amplo e decisivo: formar mentalidade espírita. Que quer dizer *mentalidade espírita*? É a mentalidade de quem, tendo estudado e compreendido a doutrina, ACEITA conscientemente os princípios e a responsabilidade que dela decorrem. Mentalidade espírita não é, portanto, a de quem apenas *acredita* na manifestação dos espíritos ou de quem simplesmente gosta de freqüentar sessões espíritas. Não. Há muita gente que tem fé, sinceramente, no poder dos espíritos, não falta às sessões mediúnicas no centro a que pertence, e não tem mentalidade espírita, porque acredita em superstições, ainda tem o

seu *altar*, ainda admite “milagres”, etc., etc.. Isto, evidentemente, não é a verdadeira *mentalidade espírita*. Constantemente encontramos pessoas, aliás muito bondosas, que fazem parte de centros espíritas, comparecem *religiosamente* às sessões mediúnicas, mas pensam como católicas, não pensam como espíritas. O fato de acreditar nos espíritos nem sempre modifica a mentalidade. Notemos que Allan Kardec disse, categoricamente, em *Obras Póstumas*, que ESPÍRITA ou espiritista (se preferem este último termo) é quem concorda com os princípios da doutrina e com eles CONFORMA o seu proceder. Este conceito, como se vê, traz implicações de ordem moral. Veja-se bem o pensamento de Kardec: O Espiritismo “não reconhece como seus adeptos senão aqueles que lhe praticam os ensinamentos e trabalham por MELHORAR-SE MORALMENTE, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos...” Há muita gente, que estuda e conhece o Espiritismo e nem por isso tem mentalidade espírita. Assim como se encontram pessoas que acreditam, no Espiritismo e têm mentalidade católica, porque ainda falam em *castigo do céu*, ainda aceitam o *pecado original*, ainda têm *medo de Deus*, também se encontram pessoas que, embora se digam espíritas, porque acreditam nos fenômenos, ainda têm mentalidade materialista, porque vivem, exclusivamente, em função dos interesses materiais, são indiferentes aos altos valores do espírito, dão mais importâncias às coisas imediatas do que às coisas que dizem respeito à espiritualidade, porque só pensam em gozar, aproveitar a vida enquanto é tempo... Isto é mentalidade espírita? Não, absolutamente. Logo, não basta ser *crente* ou ser médium para ser espírita. Há muitas tradições religiosas, e algumas delas já fazem parte, até, de nosso *folclore*; embora sejam inofensivas, não se coadunam de forma alguma com o Espiritismo. Uma dessas tradições, por exemplo, é a de se fazer distribuição de “balinhas” no dia de Cosme e Damião. A formação da mentalidade espírita tende a fazer a criatura humana desprender-se gradativamente de tudo isto.

Respeitamos todas as crenças, não combatemos nem devemos combater ou depreciar as convicções alheias, especialmente porque todas as idéias e práticas religiosas correspondem a necessidades espirituais inerentes ao plano evolutivo de cada indivíduo ou grupo, assim como às condições da cultura e do ambiente. Além de tudo, o respeito aos sentimentos e às opiniões do próximo é também caridade. Isto não impede, todavia, que o Espiritismo, pela sua influência renovadora, concorrendo para o progresso espiritual daqueles que lhe seguem a orientação doutrinária, tenha consequências capazes de formar um tipo de mentalidade diferente, emancipada de superstições, fatalismo ou idolatria de qualquer espécie. Se, portanto, o Espiritismo pode formar outra mentalidade, mais arejada, mais consentânea com o desenvolvimento da Ciência e com a compreensão da vida espiritual, é claro que também preconiza, implicitamente, outros padrões de comportamento. O espírita não pode ser um tipo esquisito ou excêntrico, um marginal socialmente falando, porque o espírita esclarecido tem o dever de melhorar o seu comportamento na vida particular, como na vida social, sem chegar aos exageros, às atitudes ridículas. Todas as consequências do Espiritismo nos levam ao equilíbrio.

Notemos que todos os ensinamentos morais do Espiritismo se firmam sob o princípio da RESPONSABILIDADE pessoal: o homem é responsável pelos seus pensamentos, pelos atos, sejam públicos, sejam ocultos. A Doutrina Espírita, realmente, não tem *tabus*, não tem sistema de *condenações*, não instituiu nenhum código de

proibições, porque é uma doutrina que não amedronta, não prescreve regras de vida privada, mas desperta no homem o sentimento de responsabilidade: cada qual é responsável pela sua consciência, cada qual deve saber O QUE DEVE E O QUE NÃO DEVE FAZER, como deve saber distinguir o que é lícito e o que é ilícito, o que é digno e o que é indigno. Sem estabelecer regras escritas, sem descer a minúcias domésticas, a Doutrina Espírita, quando bem compreendida, tem consequências muito mais amplas e sérias do que parece, porque exige, sobretudo, a REFORMA MORAL do homem .

Há muitos materialistas que, na forma de proceder, parecem muito mais espiritualizados, muito mais moralizados do que certos *crentes*, certos indivíduos, destituídos de qualquer noção de disciplina espiritual, porque são excessivamente egoístas, despóticos e viciados. É claro que a mentalidade Espírita não aprova quaisquer “presunções de santidade” nem roupagens de *puritanismo*, porque o homem *é o que é*, não é aquilo que nós desejamos que ele seja; mas todo aquele que se integra realmente na Doutrina Espírita tem o dever de procurar, dia a dia, ser melhor. Todas as normas básicas do Espiritismo, no que diz respeito ao comportamento pessoal, se resume nessa criteriosa expressão de Allan Kardec: *Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral*. Isto constitui a síntese de todas as consequências da doutrina. Fora disto, é inútil, a crença pura e simples nos espíritos , como é inútil a especulação filosófica por mero prazer intelectual, sem repercussão nas ações pessoais.

III – CONHECIMENTO EMPÍRICO E CONHECIMENTO METÓDICO

Quando falamos em curso regular de Espiritismo, é claro que falamos, ao mesmo tempo, implicitamente, em método ou estudo metódico. Como em qualquer outro domínio da especulação, também no Espiritismo podemos distinguir o conhecimento empírico e o conhecimento metódico. Indiscutivelmente o conhecimento empírico é o conhecimento puramente prático, motivado pela necessidade, abre caminho para a sistematização, fornece material para o estudo metódico e, por fim, oferece os elementos rudimentares para a formação das ciências. O homem prático, sem cultura intelectual, desconhece a metodologia e as leis científicas, mas concorre muito com a sua experiência, e muitas vezes com a intuição, para que se façam importantes descobertas científicas. Não se pode, portanto, desprezar ou desvalorizar sistematicamente o conhecimento prático, seja em que terreno for. Exemplo comum: a medicina empírica é elementar dos índios, com as suas *beberagens*, descobriu propriedades medicinais em muitas plantas; o europeu, apesar de trazer conhecimentos científicos relativos à cultura de sua época, aprendeu muito com o índio brasileiro, primeiramente em matéria de plantas medicinais. O índio com o seu empirismo com os seus conhecimentos práticos, forneceu elementos ao europeu, e este ao voltar à Europa, aperfeiçoou, em muitos casos, aquilo que aprendera com o silvícola: sistematizou, metodizou, deu caráter científico à medicina primária dos índios.

O conhecimento vulgar ou popular, inteiramente destituído de orientação metódica, contenta-se com o fato isolado, não vai além daquilo que a experiência prática vai descobrindo, mas não tem noção alguma da conexão, do encadeamento dos fenômenos, ao passo que o conhecimento científico se preocupa com as relações, com o nexos e o conjunto dos fatos. Para o conhecimento científico, o fato isolado é apenas um ponto de partida, mas ainda não é ciência, porque mister se faz que haja relação entre:

FATO

LEI

CAUSA

Não basta observar um fenômeno, e a simples observação de um fenômeno, seja ele de que caráter for, ainda não é suficiente para formar uma ciência. É indispensável, pois, que se leve em consideração:

- a) – o fenômeno em si, tal como se apresenta;
- b) – a lei que o rege ou em virtude da qual se dá o fenômeno;
- c) – a relação existente entre o fenômeno observado e outros fenômenos da mesma natureza;
- d) – a causa do fenômeno.

O conhecimento vulgar ou prático fica na observação, enquanto o conhecimento científico formula todas estas proposições.

ILUSTRAÇÃO

Conhecimento vulgar
científico

FENÔMENO	FENÔMENO
FENÔMENO	
A	B
	FENÔMENO
	C

Conhecimento

FENÔMENO
A
B
FENÔMENO
C

OBSERVAÇÃO

I – No conhecimento vulgar, que é apenas experiência comum, cada fenômeno é considerado isoladamente, sem

II – No conhecimento metódico, os fenômenos A-B-C estão ligados entre si, porque se subordinam à

cogitação de relação com os outros nem do agente e da causa que o produz.

mesma lei e tem um agente comum.

Pela indução, que é o método pelo qual se parte dos fatos isolados para as leis gerais, a ciência estabelece a correlação entre os fenômenos e, assim, chega à causa de que procedem. Convém, observar, entretanto, que a noção de *causa* tem dois sentidos: *imediato* e *mediato*. Imediato é o que está presente, é o que está mais próximo do observador; mediato é o que está mais longe, além da observação direta. Então, podemos colocar a noção de causa nos seguintes termos:

- a) – CAUSA IMEDIATA
sob o ponto de vista estritamente *científico*;
- b) – CAUSA MEDIATA
sob o ponto de vista *filosófico*.

A Ciência, adstrita ao ponto de vista exclusivamente experimental, preocupa-se apenas com a causa imediata, a causa direta, porque é a que está mais próxima do observador. A Ciência não discute o problema da causa remota ou *imediata*, isto é, causa primária ou geral, porque este problema já pertence ao domínio da Filosofia. Apliquemos esta proposição ao caso do fenômeno espírita. Para nós, por exemplo, que somos espíritas, porque aceitamos integralmente a Doutrina Espírita, o fenômeno mediúnico é e deve ser encarado, também, à luz de sua “causa primária”, ou seja a causa que dá origem ao espírito, porque o Espiritismo tem uma parte filosófica. Isto, convém repetir – para nós – que vemos o fenômeno, também, pelo aspecto filosófico. Segundo o Espiritismo, temos:

Fenômeno	Médium	Espírito	CAUSA
----------	--------	----------	-------

se a causa geral está fora ou além do espírito, nossas indagações filosóficas naturalmente nos levarão à causa primária, à causa que dá origem a todas as coisas: DEUS. Isto, porém, quando se entra no terreno da Filosofia, quando nos referimos à noção de causa geral ou “causa das causas” e assim por diante.

Sob o ponto de vista científico, entretanto, o que interessa é verificar se a causa não está no médium, se a causa não está no ambiente ou nas forças naturais. Provado que a causa não é humana nem depende de qualquer agente físico, forçoso é reconhecer que é extra-humana.

Este é o campo da Ciência. Se a Filosofia ultrapassa o campo da experimentação para ir procurar a *Causa* geral ou remota do fenômeno, a Ciência verifica a presença de uma causa inteligente, isto é, uma causa, que, agindo sobre o médium, produz o fenômeno. Não vai além disto. É o que se chama a causa imediata. Para nós, esta causa é um *espírito* desencarnado; para certos metapsíquistas e psiquistas, é uma força ou energia ainda desconhecida; para o materialista é um agente físico ainda não identificado, e assim por diante. A experimentação científica limita-se a comprovar o fato, cuja a causa está além ou fora do elemento humano. É um Espírito? Segundo a

nossa convicção, é um espírito, sim, porque nós partimos de uma premissa geral, que é, a imortalidade da alma. E de onde vem o *espírito*? Qual a sua origem? Qual a sua natureza? Quais as consequências desses fenômenos na ordem moral? Todas estas questões já estão fora do campo da ciência experimental porque são questões atinentes à Filosofia.

A Doutrina Espírita, como se vê, abrange a ciência e a filosofia, porque, não só lhe interessa a causa *imediate*, que é o espírito responsável pelo fenômeno, como lhe interessa, por decorrência, a causa *mediata* ou remota, isto é, a origem do espírito, o seu ponto de partida, sua natureza. Se o espírito existe e é inteligente, é claro que não se formou por si mesmo, e deve, portanto, ter origem em alguma coisa, deve ter um ponto de partida antes de si próprio. É o problema da causa primária ou causa geral. Este problema, já é de ordem filosófica. O Espiritismo engloba o aspecto científico o filosófico e o religioso. O conhecimento metódico difere do conhecimento vulgar ou simplesmente prático, porque nos predispõe o espírito para a compreensão do conjunto e para descobrir as relações entre os fenômenos.

Convém notar, ainda, que o conhecimento metódico tem a vantagem de nos colocar em condições intelectuais de compreender a verdade em proporção às possibilidades de nossa inteligência e do material de que possamos dispor. Quando se diz que o método é o “caminho pelo qual a nossa inteligência chega à verdade, “é claro que não se entende, aí, a verdade no sentido absoluto ou total, mas no sentido relativo, em referência ao objeto de nossas observações. Antes de terminar este ponto, parece-nos indispensável fazer algumas considerações a este respeito.

Quando empregamos, por exemplo, o método apropriado para uma experiência de física, é claro que não podemos esperar que esta ciência nos dê toda a verdade: o que ela nos pode dar é apenas aquilo que esta em seu domínio. Cada ciência revela apenas as leis e os fenômenos que lhes são inerentes. Se examinarmos uma planta, é natural que a Botânica nos faça conhecer somente aquilo que é verdadeiro em relação à planta, e nada mais. A verdade encontrada na Física ou na Química é tão restrita como a verdade revelada pela Geologia ou pela Astronomia. Nenhuma ciência, por si só, seria capaz de descobrir a verdade total. Seria a maior das pretensões querer encontrar toda a verdade apenas por um único método ou dentro do campo limitado de uma especialidade científica.

O estudo metódico tem o objetivo de conduzir os nossos raciocínios e as nossas experiências para o ponto em que desejamos firmar a nossa certeza. O conceito de verdade, no sentido absoluto, é progressivo, e por isso nunca devemos perder a noção de conjunto: a verdade total não só abrange as ciências particulares, com as suas especificações concretas, como também abrange a ciência do espírito, no sentido geral, com as suas sutilezas e ampliações. É indispensável, portanto, compreender o encadeamento lógico das ciências, tendo em vista, sempre, a seguinte base: não há um rumo de conhecimento absolutamente solto ou isolado, como realidade à parte no Universo. Finalmente (para terminar este ponto) convém acentuar bem que CADA CIÊNCIA REVELA APENAS UM ASPECTO DA VERDADE, mas a Verdade em si, é relativa, porque só se descobre ao espírito humano à proporção que cada um de nós progride em conhecimento e virtude. A posse gradual da Verdade depende da iluminação espiritual. O conhecimento puramente empírico, isto é, o conhecimento prático, nascido da curiosidade ou da necessidade, sem método nem plano, pode dar, às vezes, a impressão de que descobrimos a Verdade total, pelo fato de termos realizado

uma experiência satisfatória; mas o conhecimento metódico nos demonstra, a cada passo, que NÃO BASTA UM FATO ISOLADO PARA NOS DAR A CERTEZA INTEGRAL, pois é indispensável a conexão, a interdependência das leis e fenômenos.

Dentro desta ordem de idéias, podemos compreender a necessidade da ciência, sem que, com isto, seja prejudicada a parte religiosa do Espiritismo, com as suas benéficas consequências. Veja-se que até o próprio Evangelho necessita da Ciência, desde que saibamos compreender o conceito lato de Ciência, que significa SABER, mas saber, é claro, com precisão com certeza. Leia-se o cap. I, nº. 5 e nº. 8, de “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, e lá está escrito: O Espiritismo é a *nova ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual...* Toda a moral do Evangelho, que é precisamente, a moral adotada pelo Espiritismo, está baseada, como se sabe na vida futura, na vida do espírito após a morte. Como se pode, porém, ter a certeza da vida após a morte, se não houver prova experimental da imortalidade da alma? Logo, o Evangelho, segundo o Espiritismo, não é apenas questão de fé, porque o seu fundamento moral, que é a vida futura, está alicerçado nas provas, nos fenômenos. O Espiritismo, com o testemunho da Ciência, reforça a moral do Evangelho. Diz Allan Kardec, no capítulo (item 8), que *a ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, a outra as do mundo moral; mais tendo ambas o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.* A Ciência e a Religião representam duas esferas de valores, e ambas são necessárias, mas é indispensável não subverter a ordem, não colocar os valores materiais acima dos valores espirituais. (Nosso conceito de religião – e não é mais necessário repetir este ponto – não se confunde com o conceito vulgar de culto exterior ou de organização sectária, mas exprime a idéia de relação do homem com Deus, através da espiritualização própria, do aperfeiçoamento moral, como necessidade básica da vida). Já se vê que não é possível separar, no corpo da Doutrina Espírita, as três partes que lhes são integrantes e harmônicas; *científica* (demonstração experimental dos fenômenos); *filosófica* (indagação das causas gerais e suas consequências); *religiosa* (reconhecimento da existência de Deus e de seus atributos de perfeição e onisciência). O Espiritismo deve ser estudado e compreendido como um todo homogêneo. Qualquer desintegração representa prejuízo à própria índole e formação da doutrina.

Exemplifiquemos esta última proposição. Se, por exemplo quiséssemos encarar o Espiritismo somente pelo lado científico, cairíamos no chamado “Espiritismo de laboratório”, com o mesmo comportamento com que se procede na Física ou na Química, embora os fenômenos sejam de natureza essencialmente diferentes. O Espiritismo NÃO PODE DISPENSAR a EXPERIMENTAÇÃO CIENTÍFICA, porque é disto que lhe vem o fundamento positivo; mas é indispensável compreender que a experimentação científica, por si só, ainda não é suficiente para tornar o homem melhor, desde que o trabalho experimental não seja informado por uma concepção superior ou não tenha um objetivo elevado. Se, por outro lado, nos embrenharmos na especulação filosófica, preocupados apenas com o “chamado “conhecimento intelectual” ou conhecimento puro, cairemos no “Espiritismo de gabinete”, sem repercussão alguma no comportamento ou nos atos do homem. Será o Espiritismo teórico, simplesmente. Se, finalmente, desprezarmos a Ciência e a Filosofia e quisermos cuidar apenas do aspecto religioso do Espiritismo, automatizando práticas e orações sem substâncias nem dinamismo espiritual, cairemos no Espiritismo de igreja e ficaremos, portanto,

reduzidos a simples atos rotineiros. Vejamos o que ensina a vida prática, com observações diárias nas próprias relações humanas.

Há pessoas que se entusiasmam com alguns fenômenos, chegam a ficar como que fanatizadas pelas experiências mediúnicas, e no entanto não são capazes de colher o menor proveito moral nesses trabalhos. De que serve o *cientificismo* de certas pessoas, que vivem preocupadas com materializações de espíritos, com revelações transcendentais, etc., mas não sabe, *descobrir*, atrás de tudo isso, aquilo que lhes possam modificar o procedimento? Há muita gente que chega a propalar suas “experiências científicas”, como chega a desprezar a parte doutrinária do Espiritismo, por entender que tudo já é velharia, mas a verdade é que tais pessoas, apesar dos fenômenos de efeitos físicos, etc., continuam a viver no mais crasso e mais doloroso analfabetismo espiritual! Para nós, portanto, pouco significa uma sessão de *materializações*, como pouco vale a *sapiência* de um guia espiritual quando os indivíduos que compõem ou dirigem o grupo continuam a viver como dantes: orgulhosos, interesseiros devassos. Convém acentuar, porém que necessário e meritório o esforço sincero de todos aqueles que procuram as sessões práticas do Espiritismo com a intenção de encontrar provas convincentes, justamente porque não querem crer pela cabeça dos outros, não querem saber apenas porque os outros dizem. Isto é louvável e, também, uma necessidade o homem que duvida, mas duvida honestamente, porque deseja, sobretudo, a verdade, merece o nosso respeito. Nem todos podem entrar no Espiritismo pela via racional ou pela via sentimental: é necessário que outros se convençam pelos fatos, pelas provas diretas. E tudo isto carece de tempo. Não devemos, nunca, menosprezar a atitude daqueles que buscam o fenômeno com o desejo de firmar convicção. Antes começar duvidando, porque às vezes a dúvida é necessária, do que começar acreditando em tudo e, depois, tornar-se fanático. Devemos, pois, respeitar a posição intelectual daqueles que, sinceramente, fazem questão de fatos e, por isso mesmo, apresentam as suas reservas judiciosas enquanto não se convencem. Note-se que o próprio Allan Kardec declarou que O ESPIRITISMO DIRIGE UM APELO À RAZÃO. A experimentação mediúnica para fins científicos é muito proveitosa, e se não fora a capacidade científica de um Crookes, um Dellane, um Aksakof, um Bozzano e tantos outros, é claro que não teríamos, hoje a notável literatura que corre o mundo. Queremos, entretanto, ponderar que é indispensável, acima de tudo. NÃO AVILTAR O FENÔMENO, NÃO FAZER DA MEDIUNIDADE UM CHAMARIZ DE CURIOSIDADE VULGAR OU INTERESSEIRA. Quando, portanto, não há preocupação séria, não há “sede de conhecimento”, o aspecto fenomenológico ou experimental do Espiritismo fica inteiramente desfigurado em suas dignidade.

IV – ETAPAS DO CONHECIMENTO

Notemos, desde já, que Allan Kardec afirmou: *O Espiritismo só passou a ser levado a sério depois que tomou corpo filosófico*. Isto quer dizer que, anates de haver tomado corpo filosófico, o Espiritismo era entendido apenas como fenômeno, e assim mesmo, a mercê do puro empirismo, sem interpretação racional. É claro que o Espiritismo, como tantos outros ramos de conhecimento, passou por três etapas:

EXPLICAÇÃO

I – <i>Pre-noções</i>	idéias vagas, ainda confusas crenças populares tradição oral (histórias de “assombrações,
II – <i>Empirismo</i>	fenômenos de Hydesville (irmãs Fox), nos E. Unidos, hipóteses arbitrárias (“ventriloquia”, “estalos da rótula”, etc.,) propagação das notícias fundação de centros
III – <i>Sistematização</i>	Aparecimento da doutrina (1857) Experimentação e discussão

Já no *caderno doutrinário* nº. 3 apresentamos um esquema da história do Espiritismo, muito resumido, aliás, dentro do qual separamos claramente o fenômeno e a doutrina. Foi a partir das experiências de Crookes, com os estudos e as discussões que se desenvolveram na Sociedade Dialética de Londres e outras instituições científicas que o Espiritismo passou a ser objeto de maior interesse científico, e podemos assinalar, nesse período, uma de suas etapas mais importantes. Convém notar que os experimentadores do grupo de Crookes, Aksakof, Barrett e outros (depois de 1870) não se preocuparam propriamente com a *doutrina*, porque se ativeram à verificação dos *fatos*, no que prestaram inestimável serviço ao Espiritismo. Os resultados a que chegaram tantos homens de ciência, como William Crookes, Alexander Aksakof, Charles Richet, Cezar Lombroso, por exemplo, vieram confirmar a doutrina, no aspecto experimental vieram reforçar, portanto, o caráter científico do Espiritismo. Não importa que alguns dos cientistas, que se preocuparam com a fenomenologia mediúmica, tivessem deixado à margem, inteiramente, a parte filosófica do Espiritismo, porque não lhe interessava no momento, o problema das *causas* gerais ou qualquer outro problema filosófico. Como homens de ciência, ficaram apenas no campo exclusivo dos fenômenos, mas o certo é que, neste campo, os seus depoimentos deram grande impulso ao Espiritismo, cujo aspecto científico viria encontrar, mais tarde, outro grande experimentador, um dos maiores de todos os tempos: Ernesto Bozzano, já no século XX. Se, por um lado, tanto no século passado, como no século atual, houve um grupo, e grupo ilustre, que se limitou a investigar e comprovar a veracidade dos fenômenos sem discutir a parte doutrinária do Espiritismo, convém notar, entretanto, que por outro lado. Houve outro grupo, e também brilhante, que não só examinou os fatos como ainda se preocupou seriamente com a doutrina. É o grupo de Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Léon Denis (este último um, dos mais profundos filósofos espíritas) e alguns outros. Estes foram além do terreno restrito dos fenômenos, porque entraram também na parte filosófica do Espiritismo. Modernamente, podemos incluir neste grupo outro grande e rigoroso estudioso da fenomenologia de *além túmulo*, apesar de sua posição de metapsiquista: Gustavo Geley, a cujos trabalhos, em França, muito deve o Espiritismo. Geley, apesar de ser o que se pode chamar autêntico “homem de laboratório”, também

se interessou pela parte filosófica do Espiritismo, principalmente em relação à tese da reencarnação, cujos fundamentos teve ocasião de defender, e de maneira bem clara, após longos estudos e afanosas pesquisas no Instituto Metapsíquico Internacional.

Já vimos, finalmente, em linhas gerais, que o mediunismo teve, como não podia deixar de ter, a sua fase empírica ou de pura curiosidade, sem doutrina, sem método. Mais tarde, porém, com a obra de Allan Kardec, seguida, ainda, de notáveis experiências de caráter científico, veio a sistematização. Apesar disto, ainda hoje, como se sabe, o empirismo e a confusão dominam, em grande parte, na prática mediúnica. Este fenômeno é, em parte, uma consequência da popularização de sessões mediúnicas sem conhecimento da doutrina, sem o preparo suficiente daqueles que, às vezes de boa fé, às vezes por interesse, querem dirigir trabalhos deste gênero sem conhecimento do próprio terreno em que estão pisando... Há, portanto, muitas sessões mediúnicas que não podem ser chamadas de sessões espíritas, porque não tem método, não tem preocupação elevada, não tem orientação doutrinária. Convém, pois, fixar este ponto: NEM TODA SESSÃO MEDIÚNICA É SESSÃO ESPÍRITA. Para que uma sessão mediúnica seja realmente uma *sessão espírita*, é indispensável que esteja em harmonia com a doutrina, tanto na forma quanto nos objetivos. Nem todos, infelizmente, querem estudar e compreender o Espiritismo, pois o que se quer, na maioria dos casos, é apenas *ver* o fenômeno, *resolver* problemas pessoais ou fazer consultas íntimas aos *guias* das sessões, sem qualquer noção do que seja a Doutrina Espírita, com a sua profunda filosofia e com as suas edificantes consequências morais.

Convém notar, entretanto, que o conhecimento da doutrina tem aplicações diretas nos atos humanos, quer na vida íntima, quer na vida social. A não ser assim, pouco adianta frequentar *sessões*, *acreditar* nos espíritos ou falar com os *guias* espirituais, como é comum observar-se constantemente. É claro que nem todos poderiam ter, imediatamente, esta noção de amplitude da doutrina. Para compreender bem o Espiritismo é necessário que haja observação e estudo, com o tempo necessário para certas reflexões. Seria lógico, portanto, exigir de todos os neófitos ou simples frequentadores ocasionais a mesma compreensão, o mesmo sentimento de respeito e a mesma noção de seriedade com que os estudiosos encaram os problemas espíritas. Muitas pessoas começam zombando, outras principiam pela simples curiosidade, e para estas o Espiritismo é apenas um “passatempo”, mas terminam, depois, aceitando a doutrina. Temos, nas fileiras Espíritas, muitos casos desta natureza. Basta-nos citar um caso histórico: o Prof. Cezar Lombroso, nome mundialmente consagrado nos domínios da Antropologia Criminal, confessa que, a princípio, chegava a ficar espantado quando ouvia dizer que um homem inteligente e equilibrado se preocupava com o Espiritismo... Mais tarde, porém, diante de fatos, ele próprio se convenceu, e escreveu, então, a já celebre declaração: “Sinto-me envergonhado por haver combatido, com grande tenacidade, a possibilidade dos fatos chamados espíritas... eu me glorifico de ser escravos dos fatos”. Os fatos conduzem à certeza conduz às aplicações, quando realmente a pessoa que estuda o Espiritismo quer tirar conclusões de ordem prática para a vida. É natural que haja, pois, três etapas, que se completam, através do sentido progresso do conhecimento espírita:

Compreensão
Curiosidade.

Por decorrência disto, teremos de compreender, com o decorrer do tempo, que o Espiritismo é um TODO, no qual se distinguem três aspectos sucessivos:

– I –

Aspecto experimental

Interesse exclusivo pelos fenômenos, sem tirar qualquer conclusão filosófica. Neste terreno, por mais rigorosas que sejam as observações e por mais exato que seja o espírito de crítica, ainda não se pode conhecer bem o Espiritismo, como doutrina

– II –

Aspecto especulativo

Quando partimos da observação dos fenômenos para o problema das *origens*, isto é, quando procuramos saber o *porque*, a razão de ser de tudo o que observamos na prática. Neste terreno, forçosamente, já entramos na filosofia do Espiritismo. É a doutrina.

– III –

Aspecto normativo

Neste ponto, podemos dizer que chegamos ao coroamento de todo o nosso esforço. O aspecto normativo da Doutrina Espírita é o que nos dá as *normas* morais de procedimento em face do fenômeno e nos atos de nossa vida.

Podemos concluir, daí, que o conhecimento integral do Espiritismo não se resume no fenômeno, como não se resume na filosofia, como ainda não se resume na interpretação evangélica: o fenômeno, segundo a Doutrina Espírita, é um *meio*, não é o *fim*; a filosofia interpreta o fenômeno, estudando-lhe as causas e as consequências; o Evangelho, finalmente, interpretado à luz do Espiritismo, forma a base moral de nosso comportamento, seja em relação às aplicações do conhecimento, seja em relação aos nossos deveres da vida particular e na vida social. Sem a noção exata de *conjunto*,

abrangendo o fenômeno e a doutrina, o conhecimento do Espiritismo seria parcial, incompleto.

V – ATUALIDADE DA OBRA DE ALLAN KARDEC

Todo o nosso estudo, como se sabe, é baseado na obra de Allan Kardec. Sem a Codificação de Allan Kardec, não teria razão de ser a existência deste Centro. Os livros da Codificação podem ser divididos, para efeito didático, da seguinte maneira:

I – *Introdutório ou propedêuticos*

O que é o Espiritismo
O Princiante Espírita

II – *Livros básicos*

O Livro dos Espíritos
O Livro dos Médiuns
O Evangelho segundo o Espiritismo
A Gênese

III – *Livros complementares*

O Céu e o Inferno
Obras Póstumas

Em relação aos livros básicos, adotamos, aqui, o critério histórico, e por isso colocamos todos eles (4) de acordo com a ordem de aparecimento. Os livros de introdução (*O que é o Espiritismo e o Princiante Espírita*), principalmente o primeiro deles, dão uma idéia geral do Espiritismo. Muitas das questões neles desenvolvidas já estão incorporadas ao *Livro dos Espíritos*. Convém observar, entretanto, que *O que é o Espiritismo* é um livro *muito didático*, indispensável a quem quiser fazer estudos regulares da doutrina. As questões são propostas e respondidas em forma de diálogo, método adotado, com proveito, desde a antigüidade. Nesses dois pequenos livros, que são sínteses dos princípios gerais da doutrina tem o neófito ou princiante um roteiro para compreender a extensão do Espiritismo.

Aqueles que desejarem conhecer a vida e a personalidade do Codificador do Espiritismo encontrarão a biografia de Allan Kardec, muito desenvolvida por Henri Sausse, no *Princiante espírita*, e a biografia mais resumida, em *Obras póstumas*. Também se encontra neste último livro o notável discurso que Camille Flammarion pronunciou à beira do túmulo de Kardec, em Paris, discurso em que o grande astrônomo

faz afirmações valiosíssimas sobre a personalidade do Codificador do Espiritismo e o chama, até, de *bom senso encarnado*.

O livro central da Codificação do Espiritismo é *O Livro dos Espíritos*, porque:

- a) – cronologicamente, é o 1º de todos:
- b) – contém a doutrina, em seus princípios básicos, tal como foi transmitida pelos espíritos.

Com o material do *Livro dos Espíritos*, desdobrou-se a Codificação da doutrina através dos outros livros. Cada um deles trata de assuntos específicos, sem sair, porém, das generalidades coordenadas no *Livro dos Espíritos*. Assim é que o *Livro dos Médiuns*, por exemplo, trata da definição dos diversos tipos de mediunidade, sua classificação, problemas atinentes ao desenvolvimento e ao bom uso da mediunidade, etc., assim como *A Gênese* estuda o homem dentro de diversos ângulos: biológico, psicológico, histórico, espiritual (após a morte). É um livro em que se discutem, assuntos relativos a diversos ramos da cultura humana; *geologia, geografia, astronomia, psicologia, biologia, etc.* Tudo isto – note-se bem – em função da evolução geral e do progresso do espírito. Com estudos mais amplos sobre os fluidos, sua natureza e suas propriedades, *A Gênese* dedica uma parte especial aos chamados “milagres”. O Espiritismo não nega os fatos impropriamente chamados de “milagres”, mas não aceita esta designação, porque interpreta esses fatos à luz de elementos capazes de os colocar em condições de serem compreendidos cientificamente. O *Evangelho segundo o Espiritismo* e o livro que trata da parte moral do Espiritismo. Isto porque, como disse Kardec, O Espiritismo adota a moral de Jesus, não criou, portanto, nenhuma outra moral. Não devemos, porém, querer interpretar o Espiritismo pelo Evangelho, mas o Evangelho que deve ser interpretado à luz do Espiritismo. Não interessando ao Espiritismo a discussão de pormenores exegéticos, nem a apreciação de controvérsias de ordem histórica, assunto que interessa mais à erudição e à cultura religiosa do que propriamente à reforma do homem, a Codificação de Allan Kardec, sensatamente, extraiu do Evangelho apenas os ensinamentos morais, as máximas e os exemplos que são necessários à edificação espiritual do homem.

Quanto aos livros complementares da Codificação. *O Céu e o Inferno* discute as questões teológicas relativas à justiça divina, ao “pecado original”, às penas eternas e outros dogmas irreconciliáveis com a filosofia espírita. Os problemas da vida futura são examinados, nesse livro, à luz da reencarnação. Na parte propriamente doutrinária, as questões desenvolvidas em *Obras póstumas*, longo trabalho sobre a organização do Espiritismo, no qual incluiu o problema do ensino da doutrina. A leitura deste livro ainda se torna muito útil, senão indispensável para aqueles que desejarem conhecer a gênese da doutrina. A parte histórica, que é muito interessante, contém o depoimento pessoal de Allan Kardec, sobre a sua iniciação no Espiritismo, como também sobre as circunstâncias em que foram elaborados, principalmente, *o Livro dos Espíritos e a Gênese*. Há diversas comunicações de espíritos, nas quais se encontram bons subsídios para a história do movimento espírita. Quando nos referimos a *iniciação* de Allan Kardec no Espiritismo, queremos dizer pura e simplesmente o início, os primeiros passos do Codificador na seara espírita. O Espiritismo não tem nenhuma cerimônia nem fórmula de *iniciação*, e por isso esta palavra deve ser entendida em seu sentido comum,

sem qualquer idéia de ritual ou preceito usual de determinadas *seitas* e *fraternidades* religiosas.

Temos, aí, uma idéia geral e muito sumária dos livros que formam a Codificação da Doutrina Espírita, há quem diga que a doutrina está no *Livro dos Espíritos* e por isso os outros livros podem muito bem ser postos de lado. Isto é um ponto de vista, e corresponde, apenas, à opinião de alguns confrades nossos. Não aceitamos, de forma alguma, este ponto de vista, porque entendemos que a Doutrina Espírita é um conjunto, é um TODO, e qualquer fracionamento lhe prejudicaria a estrutura. A obra de Kardec deve ser mantida em toda a sua integridade. É este o pensamento do Centro Espírita “18 de Abril”. Dele não nos afastamos, sejam quais forem as circunstâncias.

Com estas rápidas noções sobre o plano geral da organização da doutrina, através de seus livros, podemos examinar, agora, a questão da ATUALIDADE DA OBRA DE ALLAN KARDEC. Para sabermos se uma obra é ou não atual, devemos adotar, inicialmente, dois critérios:

- 1º) – verificar se as suas idéias fundamentais estão ainda em concordância com as necessidades da época; se tal não acontece, é claro que a obra já está FORA DE ÉPOCA;
- 2º) – comparar aquela obra com as outras obras do mesmo ramo de pensamento; se as outras obras são mais adiantadas e apresentam soluções mais claras, evidentemente aquela já está ULTRAPASSADA.

Muita gente, entretanto, quer julgar a atualidade ou a caducidade de uma doutrina ou de um livro simplesmente pelo critério histórico a que é mais nova sobrepuja a anterior. Nem sempre. Julga-se uma obra, em relação a sua validade, pela concordância de suas idéias com as necessidades da época em que se pretende se fazer o julgamento, e não pela antigüidade. Se assim fosse, o Evangelho já estaria caduco, há longos anos, porque tem quase dois mil anos... E por que, então, o Evangelho é ainda ATUAL, apesar de sua milenária antigüidade? Justamente porque os seus ensinamentos ainda não foram suplantados por outros ensinamentos, visto como nada se trouxe, até hoje, em matéria de moral, que seja capaz de superar o Evangelho. O argumento da antigüidade, neste ponto, é dos mais insubsistentes.

A Codificação de Allan Kardec foi elaborada no século passado, mas a verdade é que as questões por ela discutidas e explicadas ainda estão em foco nos dias atuais. É certo que, a partir da segunda metade do século XIX até hoje têm surgido diversas escolas e doutrinas com o objetivo de dar uma explicação diferente a certos fenômenos, a certas teses espíritas. Nenhuma explicação, entretanto, conseguiu, até hoje, DESTRUIR a explicação espírita. São, todas elas, tentativas inteligentes e, às vezes, honestas, mas a interpretação espírita continua de pé. Uma doutrina só deixa de ser atual quando os seus princípios e postulados perdem a consistência, não correspondem mais às necessidades e aquisições de nossa época. Aí, sim, a doutrina passa ter apenas valor histórico, como tantas outras, que fazem parte do acervo do passado, porque não são mais para nossos dias. Não foi isto o que se deu com o

Espiritismo: as suas luzes continuam a ser cada vez mais necessárias no momento atual. Podemos, ainda, considerar uma doutrina caduca ou ultrapassada quando se prova que a experiência e as investigações modernas demonstraram que os postulados dessa doutrina estavam errados. Nada disto acontece com o Espiritismo, porque ninguém demonstrou, até hoje, que os seus postulados estão firmados em bases duvidosas ou erradas. O Espiritismo tem sido negado, e com toda veemência; mas **NEGAR NÃO É DEMONSTRAR COISA ALGUMA**. O critério mais inteligente e mais lógico para julgar a atualidade ou não de uma doutrina ou de uma obra é o do exame de seu conteúdo doutrinário e de suas soluções práticas em face das solicitações de nossa época.

A obra de Allan Kardec ainda é **ATUAL**, porque **NENHUMA EXPERIÊNCIA**, como **NENHUMA DOCTRINA LHE ANULOU O CONTEÚDO INTEGRAL**, até agora. Todos os problemas constantes da Codificação de Allan Kardec ainda são **ATUAIS**, e para eles não encontramos solução mais racional fora da Codificação. Vejamos, pois, como se desenvolvem esses problemas:

I – *Problemas de animismo*

Criptestesia (conhecimentos ocultos)

Sonambulismo

Dupla vista (clarividência ou lucidez)

Ideoplastia, etc.

Todos os fenômenos desta ordem foram, como se sabe, estudados e discutidos após a obra de Kardec, mas o que se prova é que os *princípios* são os mesmos previstos na Codificação. Tudo quanto se disse, depois de Kardec, sobre *sonambulismo*, que é um assunto vastíssimo, embora por outras palavras, vem cair nas idéias gerais da Doutrina Espírita.

Os fenômenos de *dupla vista*, como tantos outros fenômenos psíquicos, estudados modernamente, também já foram estudados por Allan Kardec, e a sua interpretação até agora não foi desmentida pelas experiências mais recentes. Allan Kardec não falou, por exemplo, em *criptestesia*?

É uma faculdade pela qual o indivíduo revela conhecimentos fora dos conhecimentos normais. Ensina Richet: “É uma sensibilidade oculta, misteriosa, crítica”. Tudo isto quer dizer que há determinados conhecimentos anteriores aos conhecimentos atuais.

De onde a criatura humana traz esses conhecimentos? Claro que de existências pretéritas. Os nomes são novos, não há dúvida, mas a idéia já está na obra de Kardec. Alguns experimentadores, não querendo aceitar a explicação espírita nem querendo concordar com reencarnação, propuseram termos especiais, como, por exemplo, *criptestesia*, que vem de cripto, isto é, a zona oculta. Cripta era e é o lugar onde se guardam certos objetos, nos monumentos, nas torres, nos templos, etc. Se, portanto, existem, conhecimentos ocultos, e se esses conhecimentos se revelam, em determinadas circunstâncias, claro é que eles procedem de alguma parte ou de alguma época. Temos de chegar naturalmente à reencarnação.

A obra de Kardec também não falou em *ideoplastia*, que é um fenômeno em virtude do qual o nosso pensamento pode, até, criar formas, produzir ação plástica na matéria. Bret entende que é melhor dizer *ideoplasia*. Questão de palavras, apenas... Ochorowicz definia a ideoplastia como “a realização fisiológica da idéia”. Tudo isto, posto em termos simples, vem dar ao mesmo: o pensamento pode produzir alteração no organismo, como pode, em casos especiais, criar formas visíveis. Pelo fato de não haver feito referência específica a este fenômeno, nem por isso a obra de Kardec está atrasada em relação às modernas experiências psíquicas. O fenômeno de ideoplastia já está igualmente previsto na obra de Kardec, embora sem alusão direta ao nome, que é outro neologismo, como a criptestesia, etc. Seja como for, a Codificação de Kardec estuda longamente a ação do pensamento e sua influência no organismo. Kardec foi ainda mais longe, porque chegou a noção de idéia-força de maneira tão positiva, tão objetiva, que discutiu o problema da *fotografia do pensamento* muito antes de todos os experimentadores modernos. Veja-se A Gênese, de Allan Kardec, no capítulo XIV, e lá está o problema, em termos diferentes, mas com mesmo sentido, sobre os mesmos princípios: *Criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa*”. Que é isto, se não ideoplastia? Plasma quer dizer forma; ideoplastia é a forma da idéia. E não é isto, mas isto mesmo, o que Allan Kardec discute, quando estuda a natureza e ação dos fluidos? A novidade está somente na terminologia, e muita gente se impressiona muito com os termos novos sem dar atenção à idéia, ao conteúdo. Até mesmo no capítulo em que estuda o valor da prece (“Evangelho segundo o Espiritismo”) e, portanto, a ação magnética do pensamento, a Codificação de Kardec, tacitamente, já antevê o fenômeno ideoplástico. É certo, é indiscutível que, depois da Codificação de Allan Kardec, o Espiritismo recebeu muitos enriquecimentos, muitas contribuições apreciáveis, e é natural que assim seja, porque, se tal não acontecesse, a doutrina ficaria *parada*, sem evolução. Acontece, porém, que esses enriquecimentos e essas contribuições *não invalidaram* as bases da Codificação. Muitos problemas, que estão sendo, hoje, apresentado como *novidade*, porque trazem roupagem nova, já foram discutidos e interpretados na obra de Kardec. Se, portanto, podemos afirmar a atualidade da Codificação nesta ordem de fenômenos, também podemos fazê-lo no campo dos problemas.

II – Problemas mediúnicos

Neste terreno, como no do Animismo, nenhuma das experiências de Richet, Aksakof, Geley, Bozzano, por exemplo, apesar do grande enriquecimento que deram ao Espiritismo, nenhuma delas – convém repetir – trouxe elementos capazes de corrigir a obra de Kardec. Do mesmo modo, na discussão dos problemas filosóficos, as teses espíritas, até hoje, continuam na pauta das discussões: dualismo espírito – matéria; livre arbítrio – determinismo; negação do materialismo; princípio de causalidade, etc. Ampliações sim; termos novos, também; mas a verdade é que a idéia fundamental não foi ainda superada. Os problemas, no fundo, são os mesmos, e as teorias recentes, neste domínio do conhecimento, não oferecem explicações mais lógicas em relação a Codificação de Allan Kardec.

III – Problemas Sociais

Neste ponto, a obra de Kardec, em linhas gerais, também está atualizada, porque as suas idéias sobre a luta de classes e a formação de uma *aristocracia, intelecto moral* correspondem, exatamente, ao pensamento mais esclarecido e mais equilibrado, nas discussões atuais. As conclusões da obra de Kardec, sobre as relações de trabalho e as relações do indivíduo com o Estado chegam ao seguinte ponto de equilíbrio: nem o individualismo absoluto, porque isto é contrário à lei do amor e à solidariedade humana, que é um dos principais fatores do progresso, nem tampouco o *estatismo* absorvente, que faz do Estado o senhor absoluto e anula a personalidade do homem. Tudo quanto de mais avançado se tem dito ultimamente vem cair nesta conclusão. Logo, o pensamento de Kardec, embora expresso no século passado, está em concordância com as solicitações de nossa época. Isto importa em reconhecer que, também no terreno de suas conseqüências sociais, a obra de Kardec NÃO ESTÁ ULTRAPASSADA.

Vamos comparar, agora, sumariamente apenas, alguns pontos da obra de Kardec com afirmações feitas em trabalhos recentes, e de grande profundidade filosófica. Queremos dizer com isto, que não há motivo para se dizer, como às vezes se diz, que “já passou o tempo de Kardec” ou “Allan Kardec já foi suplantado”, etc., etc.. Tudo isto revela falta de conhecimento claro da obra de Kardec. Já em confronto com algumas obras filosóficas de absoluta atualidade, já em confronto com livros mediúnicos de largas claridades doutrinárias, a Codificação de Kardec continua a ser *atual* em seus pontos básicos. Façamos comparações, apenas para ilustração.

– I –

Aqui está, por exemplo, um conceito do prof. Pietro Ubaldi . Não é espírita, mas o conceito está em concordância com uma das explicações do “Livro dos Espíritos”:

“A Matéria, como a concebemos normalmente, evanece em nossas mãos, deixando apenas algumas sensações produzidas pelo que é apenas energia”.

(“A Grande Síntese”)

– II –

Que diz a Codificação de Allan Kardec sobre os *estados da matéria*? Embora o faça de modo muito resumido ou lacônico, exprime a mesma idéia quando afirma:

“A matéria existe em estados que desconhecemos”.

(“O Livros dos Espíritos”)

Vê-se, pois, que o conceito de matéria, na doutrina codificada por Alan Kardec, não se afasta da concepção moderna, como não está *recuado* no tempo. O problema da *imponderabilidade* da matéria, problema discutido profundamente na obra do prof. Ubaldi, que é uma obra ATUAL, já esta *previsto* na obra de Kardec.

Ensina, ainda, a Doutrina Espírita, a respeito das propriedades da matéria:

“A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria”?

Resposta: *Dá matéria , como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil, que constituiu esse fluido, vos é imponderável. Nem por isso , entretanto, deixa de ser o princípio de vossa matéria pesada”.*

Vejamos, depois disto, alguns conceitos desenvolvidos por André Luiz, cuja a produção, através da mediunidade de Chico Xavier, está engrandecendo muito a nossa literatura mediúnica. A tese que o espírito de André Luiz defende, em livros dos mais recentes, em relação ao perispírito, não traz qualquer acréscimo àquilo que já foi dito na obra de Kardec, embora esta última, às vezes, seja muito sintética. O pensamento fundamental é inteiramente coincidente. Confrontemos argumentos

I – De Allan Kardec:

“A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do espírito. Os espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de uma mundo para outro”.

(Gênese – cap. XIV n.º. 9)

II – De André Luiz:

“Aqui aprendemos que o organismo perispirítico, que nos condiciona em matéria mais leve e mais plástica, após o sepulcro, é fruto igualmente de processo evolutivo.

O gênero de vida de cada um, no invólucro carnal, determina a densidade do organismo perispirítico após a perda do corpo denso”.

(“No Mundo Maior” págs. 40-45, cap. III)

O princípio é o mesmo, embora as palavras sejam diferentes:

A FORMA DO PERISPÍRITO (corpo fluídico, intermediário entre o corpo material e o espírito) SEJA MAIS GROSSEIRO OU MAIS DELICADO, TEM RELAÇÃO COM O ADIANTAMENTO MORAL DO ESPÍRITO. Isto é tese da Doutrina Espírita.

Passemos, agora, a outro ponto, na mesma ordem de idéias:

Não pode haver “psicologia equilibrada” sem “fisiologia harmoniosa”, é o que diz André Luiz. Que quer dizer isto? Quer dizer que, para que o organismo funcione bem, é necessário que a mente esteja em boas condições.

Tem-se, aí, o seguinte princípio; tanto a mente influi sobre o corpo, como o corpo sobre a mente. Este mesmo princípio também se encontra no “Livro dos Espíritos”, na parte que trata das influências recíprocas entre corpo e espírito.

Confrontemos, finalmente, as afirmações de André Luiz com as de Allan Kardec, no ponto referente às “intoxicações mentais” e sua repercussão no perispírito e, depois, no funcionamento do organismo.

III – Observação de André Luiz, sobre o cérebro de Fabrício (personagem de sua obra), submetido a tratamento espiritual:

O sistema nervoso, que se liga à câmara encefálica através de processos indescritíveis na técnica da ciência humana, mas não é do que a representação de importante setor do organismo perispirítico, segundo acabamos de estudar. A mente falida de Fabrício INTOXICOU esses centros vitais com incessante emissão de energias corruptoras. (ob. cit. cap. XII).

IV – Afirmações de Allan Kardec, sobre o mesmo problema, estudado à luz da organização e influência do perispírito:

Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais como os mesmos deletérios corrompem o ar respirável. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de espírito a espírito pelas mesmas vias, e conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes (ob. cit. nº. 17 e 18 do mesmo cap. Já citado).

Tanto na obra de Kardec, quanto na de André Luiz, no que diz respeito ao perispírito, os pensamentos se equívalem, embora sejam expresso por meio de formas diferentes. A tese é uma só:

Os maus pensamentos e os desejos inferiores intoxicam a mente e, por este motivo, envenenam a matéria do perispírito, produzindo distúrbios no organismo.

André Luiz demonstra, logicamente, noutro passo de sua obra, a eficácia da prece. E não é isto mesmo o que se lê na obra de Kardec, no “Evangelho segundo Espiritismo”, cap. XXVII ? A concepção de Emmanuel, por exemplo, sobre a pluralidade dos mundos, raça adâmica, etc., não invalida o que já está na obra de Kardec. Neste ponto, a obra de Emmanuel também não apresenta novidade, em comparação com as idéias de Kardec, conquanto haja clareado grandemente a discussão do problema. Abra-se o livro A Caminho da Luz, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier (edição FEB) no cap. III, e lá está o mesmo problema discutido por Allan Kardec, no cap. XI, de Gênese: o sistema de capela, a raça adâmica, o simbolismo de Adão, etc.. Kardec levou tão longe a sua idéias, já naquele tempo, que chegou a fazer referência ao problema da América pré-colombiana, assunto cuja discussão tem sido reaberta, nestes dias pelos especialistas. A obra de Emmanuel trouxe, inegavelmente, grande subsídio ao estudo de tais problemas. Não se deve concluir, daí, que a obra de Kardec esteja ultrapassada, pelo fato de ser muito anterior à

de Emmanuel. A idéia fundamental é a mesma, o que varia de uma obra para outra, é a maneira de situar os problemas. Antes de concluir, vamos por, frente a frente, pensamentos da obra de Kardec e de A Grande Síntese, sobre o problema da igualdade social, que é um problema em debate, AGORA, precisamente agora, nos dias que estamos atravessando. Podemos, assim, verificar, mais uma vez, que a Codificação de Kardec está ATUALIZADA em seus conceitos básicos, porque os seus pensamentos, sobre determinados problemas, estão EM DIA com os pensamentos mais avançados.

IGUALDADE SOCIAL

V – Há quase um século, a obra de Allan Kardec dizia isto:

Há igualdade absoluta de riquezas é impossível, dada a diversidade de caracteres e aptidões. (Livro do Espíritos, questão 811). Esta resposta envolve problemas atinentes à Sociologia, à Economia, à Filosofia, etc., e sobre ela a Doutrina Espírita desenvolve considerações elucidativas.

VI – Pensamos em termos atuais, e com a experiência dos últimos acontecimentos político sociais deste quarto de século, A Grande Síntese afirma o seguinte:

Em face das minhas concepções, vereis quão abismadas são as vossas utopias de nivelamentos econômicos. (Leia-se o ponto referente à “distribuição do bens terrenos”).

CONCLUSÃO

De uma lado e do outro – A obra de Kardec e A Grande Síntese – afirmações são concordantes: a impossibilidade do nivelamento absoluto. A Doutrina Espírita argumenta com a reencarnação, em virtude da qual se torna impossível colocar todos os indivíduos no mesmo pé de igualdade. Convém não confundir igualdade de direitos inerentes à pessoa humana com igualdade de condições de vida.

Tudo se enquadra inteiramente no Evangelho:

“A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS”

Depois de tudo quanto dissemos, é razoável que possamos concluir com a seguinte proposição: embora a Doutrina Espírita, em diversos aspectos, tenha sido muito enriquecida de experiências, estudos e verificações novas, a sua base não sofreu, até hoje, a menor alteração. Se a base da doutrina é a Codificação de Allan Kardec, e se a Codificação ainda não foi ultrapassada por nenhuma doutrina, nenhuma obra. Seja de origem humana, seja de origem espiritual, não temos razão alguma para desprezar a obra de Kardec, sem a qual não encontraremos rumo certo no estudo, na compreensão e

na prática do Espiritismo. O que devemos fazer é estudar a doutrina em seu conjunto, procurar-lhe a essência, acima e à margem de opiniões ou pontos de vistas pessoais, para que, devidamente preparados, possamos enfrentar o mundo com os recursos espirituais, com o equilíbrio, com o senso de responsabilidade moral decorrentes da condição de ESPÍRITA e não de simples *crentes*. Devemos, pois, ATUALIZAR as nossas posições, com as luzes da doutrina, em face do progresso da Ciência e das novas situações: não é a Codificação de Kardec que deve ser modificada ou adaptada às circunstâncias: nós, de nossa parte, como espíritas, e que devemos acompanhar o desenvolvimento da Ciência e das realidades do mundo, aprimorando as qualidades de nosso espírito, realizando a nossa reforma moral, aumentando os nossos conhecimentos, dia a dia, para que, assim, possamos compreender, cada vez mais, não só a atualidade, como a grandeza da luminosa e inconfundível doutrina codificada por Allan Kardec. Cada um de nós que trate de se adaptar à doutrina ao invés de querer adaptar a doutrina a si mesmo ou à maneira de pensar de cada um. A doutrina é o que é, por si mesma e em si mesma; cada qual que procure compreendê-la e praticá-la, sem fanatismo e sem excessos ridículos, para encontrar a luz de que necessita.



VI – Caráter da Doutrina Espírita:

Segundo Allan Kardec (*A Gênese* cap. I), O Espiritismo participa, ao mesmo tempo, da *revelação humana* e da *revelação divina*. Não se deve entender a palavra *revelação* no sentido teológico, mas no sentido próprio, significando “tirar o véu”, isto é, tornar conhecido aquilo que já existia e ainda não era conhecido. O fenômeno espiritual já existia, mas as suas leis os seus mecanismos eram desconhecidos. O Espiritismo veio revelar os conhecimentos dessas leis. Daí, portanto, a *revelação* espírita. Quanto ao caráter da doutrina, convém ainda lembrar que o Espiritismo se distingue das revelações baseadas apenas na fé, porque os seus elementos de convicção decorrem dos fatos e da razão. Podemos figurar, para ilustração, três

CRITÉRIOS

- 1 – *Critério da fé*
(A revelação é aceita passivamente pela fé)
- 2 – *Critério ontológico*
(considera a revelação evidente por si mesmo e não permite discussão)
- 3 – *Critério relativista*
(Partindo da premissa de que o conhecimento humano é relativo, considera também relativo tudo quanto nos pode dar a conhecer uma revelação)

Todos esses critérios têm os seus exageros, e nenhum deles se ajusta bem à metodologia espírita. O critério da fé, como se sabe, muito simplista, e o Espiritismo não é “questão de fé”. O critério chamado ontológico (Ontologia é a parte da filosofia que estuda o Ser considerado em si mesmo, o Ser no estado puro, independente da forma porque se manifesta) não é suficiente para nós, porque parte de uma base discutível: a evidência por si mesmo, sem necessidade da discussão. Se quiséssemos sair da Metafísica e aplicar o critério ontológico ao Espiritismo, teríamos de considerar o Fenômeno evidente por si mesmo, já provado à sociedade. Não haveria mais necessidade da experiência e da discussão. O outro critério, o dos relativistas, está certo em tese, porque realmente o conhecimento humano é relativo, pois o homem não pode saber tudo. Acontece, porém, que o chamado relativismo, às vezes, cai no ceticismo ou no agnosticismo: pelo fato de achar, com razão, que tudo é relativo, vão alguns relativistas ao extremo de considerar inútil ou desnecessária a discussão sobre os fenômenos ditos transcendentais, porque o homem jamais poderá dominar esse conhecimento. Isto vem a ser, na realidade mais ceticismo do que relativismo os agnósticos são aqueles que, embora não neguem sistematicamente, duvidam das possibilidades do conhecimento do domínio supra-humano. (Agnosticismo, ao pé da letra, significa ausência de conhecimento, porque é uma posição filosófica segundo a qual o homem não pode ter acesso ao absoluto, ao desconhecido). Se levarmos os nossos raciocínios, sistematicamente, para esse terreno, não estudaremos mais, não faremos investigação acerca do invisível, porque tudo é impossível, segundo os agnósticos. Há, também, exagero, nesta orientação.

O Espiritismo não adota a opinião dos agnósticos, mas também não apoia a intransigência de certos relativistas: tudo é relativo, mas o homem deve estudar e examinar para ir além do que já é conhecido; se assim não fosse, não haveria progresso. Compreendia a posição do Espiritismo entre os que *crêem* e os que duvidam, podemos apresentar o caráter da revelação espírita, segundo Allan Kardec. Diz ele, como já vimos que o Espiritismo faz parte, ao mesmo tempo da REVELAÇÃO.

Divina pela origem extraterrena,

Humana pelo método científico, pela observação, pelas verificações diretas , pelos meios humanos (médiuns) de que se serve.

O Espiritismo não aprova nenhuma posição sistemática: nem a crença absoluta, nem a negação sistemática. Há dois pontos extremos, e muito inconvenientes, em toda discussão filosófica:

A FÉ.

Os que se apoiam na fé crêem apenas, não examinam, não discutem. Esta posição, além de ser contrária à própria razão, é perigosa, porque pode levar ao radicalismo cego, em prejuízo da ciência e da verdade.

A NEGAÇÃO ABSOLUTA

Os que negam por sistema são igualmente ortodoxos, embora sentido oposto, porque se limitam a *negar* tudo.

O Espiritismo repete tanto uma como a outra posição, porque a sua doutrina exige a *análise* e a *síntese*, para que se forme, assim, uma base de certeza *sobre*:

a observação
a experimentação
a comparação dos fatos
a especulação acerca dos porquês
a crítica e, finalmente, depois de tudo,
a dedução,
para que se possa chegar à CERTEZA.

Se finalmente, para o Espiritismo a imortalidade da alma já é uma certeza apesar de todas as objeções dos negativistas e agnósticos, convém notar que esta certeza não veio pela simples fé; veio pelos fatos, pelo raciocínio claro. É convicção, portanto. Partindo desta base a filosofia espírita nos leva à aceitação consciente da existência de Deus e de sua perfeita justiça.

CONCLUSÃO

Quando falamos na certeza, que se firma em nosso espírito, através da verificação dos fatos e do desenvolvimento de nossa razão, no campo filosófico, não queremos dizer, de forma alguma, que não haja campo, também, para aqueles que aceitam o Espiritismo pelo sentimento, pela fé. Absolutamente. O Espiritismo oferece lugar para todos; o homem de espírito científico, o homem de raciocínio frio, o homem de expansões sentimentais. Nem todos podem abraçar o Espiritismo pelos mesmos motivos e pelos mesmos meios: há, como se sabe, aqueles que aceitaram o Espiritismo pelos fatos, como aqueles que se tornam espíritas pela filosofia, porque acham a doutrina lógica, coerente, clara e profunda; há, também, aqueles que, por motivos de ordem sentimental encontraram no Espiritismo uma fonte de consolo, em momentos aflitivos, e por isso se tornaram espíritas.

A doutrina refere-se à fé cega, isto é, aquela fé inteiramente passiva, que leva a pessoa a aceitar tudo sem exame, sem ponderação, apenas porque ouviu dizer ou porque, certa vez, viu qualquer coisa... Quando a doutrina diz fé raciocinada já exclui a fé cega. A fé raciocinada é, então, a que se exprime em termos de convicção, mas para procurar discernir. O estudo regular da doutrina é uma necessidade para todos os seus adeptos. A convicção dá força à criatura humana para resistir aos embates, para suportar os golpes tremendos, para vencer os sofrimentos de ordem física e de ordem moral. É necessário, porém, que se modifiquem certas atitudes contrárias ao bom senso. Uma dessas atitudes é a daqueles que, falseando a noção de humildade, chegam ao exagero de combater o estudo ou de menosprezar a filosofia e a ciência. Há, infelizmente, muitas noções falsas, e tais noções devem ser corrigidas pelo estudo metódico da própria doutrina. Cada qual tem o seu lugar, o seu papel ou a sua missão na seara espírita: o

médium, na parte espiritual, que é nobre e útil, quando exercida como sacerdócio do bem; o intelectual escreve livros e artigos; o orador faz conferências; os organizadores de obras empregam a sua inteligência e as suas energias no campo humanitário ou assistencial, mas no fim de tudo o esforço humano, bem conduzido, converge para a realização do Amor na terra. Cada qual deve procurar, no movimento espírita, o campo de trabalho que corresponde aos seus pendores, ao seus sentimentos. Fiquemos certos, porém de que todos os campos, todas as formas de atividade intelectual, assistencial, escolar, etc. – são necessárias e meritórias, mas é indispensável não por, jamais, o estudo da doutrina em plano secundário. Torna-se absolutamente necessário, portanto, evitar que se propaguem ainda mais em nosso meio algumas noções perigosas em relação à cultura doutrinária e às tarefas humanas. Há pessoas que, tendo uma noção muito primária do que seja o Espiritismo, chegam ao exagero de combater a idéia de cursos doutrinários, como chegam ao extremo de adotar atitudes de prevenção com os intelectuais. Tudo isto prova que ainda existem, entre nós, algumas concepções defeituosas, e só o estudo regular da doutrina poderá, aos poucos, destruir esses gravíssimos prejuízos mentais.

Com a publicação deste Caderno doutrinário, damos por encerrado mais uma período de estudos doutrinários do Centro Espírita “18 de Abril”.

II PARTE

ESPIRITISMO E MAGNETISMO

(Resumo de um estudo feito pelo Prof. Edson de Abreu)

ESPIRITISMO E MAGNETISMO

Estudo feito pelo Prof. Edson de Abreu

Proposição do problema - Nosso objetivo é estudar as relações existentes entre os Espiritismo e o Magnetismo, ou seja, ver as limitações mútuas entre eles existentes. Para tanto será necessário termos algumas noções, embora elementares, do que seja Magnetismo.

Conceito da palavra magnetismo – Podemos considerar os seguintes:

1 – Segundo a Física, é o fenômeno pelo qual certas variedades de óxido de ferro natural ou aço, sem serem atritadas, atraem corpos metálicos. De muito conhecido, esse fenômeno tomou esse nome em virtude de ser comum em certos montes de Magnesia; magnetismo terrestre é o fato de se comportar a Terra como se fosse um grande imã cujos pólos estivessem próximos dos pólos geográficos. A bússola aproveita essa propriedade.

2 – segundo o mesmerismo seria a influência exercida de um indivíduo sobre outro, por intermédio de um fluido – o fluido magnético – que existiria disperso por toda a natureza, mas susceptível de ser “armazenado” num indivíduo dado e dele se expandir por influência da vontade. Verificado entre seres humanos esse fenômeno tomou o nome de magnetismo animal, que pode ser usado em relação aos animais. O que é fato é que não se costuma falar em magnetismo humano.

Esboço histórico – De há muito conhecido somente no século XVIII despertou a atenção das massas populares bem com de pessoas esclarecidas. Deveu-se a Antônio Frederico Mesmer (1733 – 1815) esse movimento de atenção para o fenômeno. Sendo médico, Mesmer procurou dar ao magnetismo aplicações práticas de ordem curativa. Indo a Paris lá obteve grande sucesso e em 1779 publicava sua “Mémoire sur la decouverte du magnetisme animal”. Atacado depois do relatório da Comissão Real que estudara os fenômenos, Mesmer teve entretanto, seguidores de valor na própria França e em outros países. Tais foram: o abade Faria, grande magnetizador, Puysegur que estudou o sonambulismo provocado graças ao qual estudou fenômenos de clarividência, Deleuze, Husson, Du Potet e o Marquês de Guibert fundador de célebre hospital mesmeriano em Tarrascon. Além da noção de um fluido magnético, acreditava-se em lados positivos e negativos no ser humano e já se usava “água fluida”. O hipnotismo – Ainda na primeira metade do século XIX surgiu uma reação científica ao magnetismo, que consistia não em negar os fatos do mesmerismo mas em lhes dar outra explicação. Em 1843, o médico inglês Braid, negou a existência de um fluido magnético e afirmou que se poderiam obter os mesmos resultados usando apenas a sugestão verbal. Em França formaram-se logo duas escolas: a da Salpêtrière (hospital em Paris) ou de Charcot e a de Nancy. A de Charcot dizia que o processo de magnetização seguia três fases bem caracterizadas: a de fascinação, a de catalepsia e a de letargia em que já se notavam fatos de clarividência. A de Nancy, com Liébeault e Bernheim, seguiu rigorosamente a sugestão verbal e não se preocupou com as fases clássicas de Charcot. Myers, em 1904, afirmou que a sugestão não era eficaz se não atingia o “eu” profundo do sujeito, seu subconsciente, a não em última análise se deviam os resultados da sugestão, os curativos por exemplo.

Entre hipnotismo e magnetismo, as diferenças são mais de princípios e processos que de natureza.

O sonambulismo – Um e outro, entretanto, levam ao sonambulismo, que é um sono durante o qual se podem verificar; uma credulidade exagerada do paciente, que, ou acredita facilmente no que lhe diz o hipnotizador, (mesmo em absurdos), faz, sugestão, certos atos sem vontade, sem necessidade. Outras vezes, a “transposição dos sentidos”, ou seja, a visão, a audição e a olfação sem auxílio dos sentidos normais. Ainda outras vezes a “insensibilidade”, e, enfim os altos fenômenos de clarividência.

Diferença entre Magnetismo e Espiritismo – Os autores concordam com as relações íntimas existentes entre o Magnetismo e Espiritismo. Ao mesmo tempo nunca incluem aquele, neste. Compreende-se: é que o ato que produz a hipnose (sono hipnótico) é consciente e os fenômenos de clarividência, em magnetismo são meros resultados da hipnose... Apesar disto, que auxílio magnífico traz o Magnetismo ao

Espiritismo! Auxilia indiretamente os propósitos morais do Espiritismo, pois, segundo Myers, a sugestão pode suprimir certos vícios como os penderes de idéia fixa, (ex. : a inveja), os falsamente benéficos a que os comete etc.. A magnetização promove o melhor conhecimento do subconsciente, pois – para dar um único exemplo – permite chegar à clarividência, que é capítulo importantíssimo do Espiritismo Científico. Ora, sendo assim, originando também o animismo, compreende-se como pode ele limitar um pouco o campo do espiritismo, limitação mútua, aliás. Enfim pode ele trazer alguma contribuição ao estudo da parte filosófica do Espiritismo; são exemplos disto, as tentativas de Rochas e Marata de provarem a reencarnação. Por intermédio da “regressão da memória”. O magnetismo é, pois, instrumento de trabalho precioso para o espírita.

Os limites do Magnetismo – Do ponto de vista analítico, chegamos ao ponto mais importante de nossa palestra, pois devemos mostrar, que a hipótese magnética não é bastante para explicar todos os fenômenos do Espiritismo, ou seja: que o Espiritismo limita o Magnetismo. Conhecem-se, hoje em dia, à sugestão e à ação do animismo (fenômeno supranormal produzido pelo encarnado). A análise comparada demonstra que os fenômenos psíquicos ora podem ser originados por um Espírito ora pelo próprio médium, cabendo a análise isto demonstrar, salvo em dois casos em que nem há necessidade de análise minuciosa para se provar que o fenômeno é de espiritismo e não de animismo. Estes dois casos são:

1 – um grupo de fenômenos cuja origem espiritual (eliminadas fraude e sugestão) não pode ser negada. Um desses fenômenos, por exemplo, é a xenoglossia (mediunidade poliglota).

2 – como demonstrou Ernesto Bozzano, a telepatia e outros tipos de clarividência tem limitado seu campo de ação. Segundo alguns anti-espíritas a ação da telepatia por exemplo (que pode ser produzida pela magnetização) seria muito grande, de modo a anular o valor probante da identificação de Espíritos... Bozzano demonstrou que não é assim, e que o sensitivo para obter informações sobre terceiras pessoas, só se verifica se essa terceira pessoa for conhecida dele, do experimentador.

Em conseqüência, vê-se bem que o magnetismo coloca dentro de justos limites o Espiritismo, porem devemos notar que também o Espiritismo coloca dentro dos justos limites o Magnetismo. Aconselhamos a leitura do livro de Bozzano “Animismo e Espiritismo” aos que se interessarem pelo assunto que tratamos.

Programa do Centro “ 18 de Abril”

Art. 1º O Centro Espírita 18 de Abril. Assim denominado em homenagem a data em que foi publicado a 1ª edição d’ O Livro dos Espíritos, é uma sociedade civil, com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo, de acordo com a codificação de Allan Kardec. (Do Estatuto)

DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “ 18 de Abril” Para 1952 - 1955

Presidente: Deolindo Amorim

Vice-presidente: J. C. Moreira Guimarães

1º Secretário: Flávio de Sousa Pereira

2º Secretário: Enéas Dourado

1º Tesoureiro: João Scizinho de Araújo

2º Tesoureiro: Cândido Garantizado

Bibliotecário: Manuel Moraes

Comissão de Contas

Antônio Luiz Parreiras

Dr. Lauro Sales
Prof. Teodorico Castelo

A LIGA ESPÍRITA DO BRASIL tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosas, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-vos como sócio daquela instituição.